

REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

NETWORKS OR WALLS: WHAT KIND OF SCHOOL DO WE NEED TODAY?

Talita Jacinto de Castro Lopes¹
Marcelo Máximo Purificação (Orientador)²

Resumo: A partir de uma revisão teórica e bibliográfica do livro Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão de Paula Sibília, este artigo procurou fazer uma reflexão sobre o lugar da tecnologia no ensino e foi questionado se essa tecnologia é suficiente para motivar os alunos a permanecerem nas escolas. A reflexão central foi o fato de que a “escola está em crise” e diante este fato, foi analisado o histórico da instituição escola e observada a sua transformação com o passar dos séculos. O que percebemos foi a necessidade de transformar as escolas em algo ainda não pensado.

Palavras chave: Crise na escola, Tecnologia, Livro: Redes ou Paredes

ABSTRACT

Based on a theoretical and bibliographical review of the book Redes ou Paredes: a Escola em Tempos de Dispersion by Paula Sibília, this article sought to reflect on the place of technology in teaching and questioned whether this technology is sufficient to motivate students to remain in schools. The central reflection was the fact that the “school is in crisis” and given this fact, the history of the school institution was analyzed and its transformation over the centuries was observed. What we noticed was the need to transform schools into something not yet thought of.

Keywords: Crisis at school, Technology, Book: Networks or Walls

Introdução

O Este artigo se propõe a descrever, a partir de uma revisão teórica e bibliográfica, as concepções e características da importância do uso de tecnologias nas escolas, a partir da análise do livro: Redes ou Paredes – A escola em tempos de dispersão, Sibília (2012).

O discurso sobre a “obrigatoriedade” do uso de tecnologias nas escolas vem ganhando força, mas esse discurso não se basearia em uma lógica

¹ Mestranda Em Educação pelo Centro Universitário Mais – UNIMAIS-GO. E-mail: talitajacinto@aluno.facmais.edu.br

² Professor Permanente no PPGE-UNIMAIS. E-mail. marcelomaximo@facmais.edu.br



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

mercadológica, que difere (ou deveria diferir) da lógica das escolas? Metodologicamente, trata-se de um estudo de cunho teórico, sendo que a discussão do mesmo se formula a partir do estudo do livro citado e de estudos já realizados por outros teóricos sobre a temática.

O tema central do livro *Redes ou Paredes* de Sibília (2012) é que a escola está em crise. A escola de bem pouco tempo atrás, que foi concebida sobre uma lógica disciplinadora e que era composta por corpos adestrados e dóceis está sendo considerada desinteressante e inútil no tempo atual, tem atual esse tomado pela tecnologia e por impulsos instantâneos. A rotina da leitura concentrada e introspectiva, está sendo substituída pela observação de imagens e por leituras rápidas, sem tempo para profundidade.

Os aparelhos móveis de comunicação e informação, os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet casam perfeitamente aos corpos de crianças e jovens de hoje. Segundo Sibília (2012), cresce cada vez mais o abismo entre as escolas e esses novos corpos. Pois os alunos sentem-se entediados, já que dentro de suas paredes, as escolas ainda insistem na disciplina e em formar cidadãos.

Mas a crise não começou nas escolas, esclarece a autora, mas no papel do Estado, que está fragilizado, assim como a imagem do pai e do professor. O poder agora está nas mãos do mercado e a paternidade estatal foi enfraquecida. Prepondera um mercado capitalista que é regido pelo capital. O reflexo, são escolas que se tornaram uma espécie de empresa, cujo fim consiste em prestar serviço e capacitar clientes.

A autora pondera que a natureza humana é mutável e se modifica através das histórias e geografias, bem como a subjetividade se constrói nas práticas cotidianas de cada cultura, e os corpos também se modificam nesse processo, como tem ocorrido.

Alguns questionamentos surgem sobre as escolas da segunda metade do século XIX e boa parte do XX: que tipos de corpos e de subjetividades a escola tradicional produziu em seu apogeu? Por que e para que nossa sociedade se propôs, naquela época, gerar esse tipo peculiar de seres humanos?

E atualmente, que tipos de corpos e subjetividades gostaríamos de forjar, pensando tanto no presente quanto no futuro de nossa sociedade? E de



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

que tipo de escola – ou de substituto dela – necessitamos? A reflexão central é se a escola deve oferecer “entretenimento” aliado a tecnologia e sucumbir a uma postura empreendedorista e tecnicista ou dialogar com as tecnologias sem deixar de lado a sua função essencial: o ensino.

II – As escolas de bem pouco tempo atrás

O regime escolar foi inventado algum tempo atrás em uma sociedade bem definida e se tornou quase que inquestionável. No início dos tempos modernos foram um meio de separar as crianças dos adultos durante um período essencial de formação moral e intelectual. O objetivo central era adestrar os alunos utilizando uma disciplina autoritária.

Acreditavam que era preciso treinar os homens do futuro nos moldes da “moral laica” dominada pela burguesia e o lema era muito claro: disciplina.

Tiveram como embasamento os ensinamentos de Kant (1803) do livro *Sobre a pedagogia*, que afirmava: “A disciplina converte a animalidade em humanidade”. Acreditava que a função basilar da escola era humanizar o animal da nossa espécie, disciplinando para modernizá-lo e assim, dar início a evolução que o transformaria em cidadão. Como função subsequente a escola deveria ensinar algumas habilidades, como ler e escrever.

Segundo Kant, na escala de prioridades da pedagogia, além da disciplina e instrução, estava também a necessidade de propagar a “civildade”, para que cada homem adaptasse com êxito aos costumes e usos sociais.

Por último, o filósofo ressaltava que “é preciso cuidar da moralização”. Assim, seguindo esses passos, ensinava-se ao aluno a pensar e agir do modo considerado correto para os parâmetros da época. Tais ensinamentos seriam uteis tanto na seara individual, quanto coletiva.

Assim, desde muito pequenos, os meninos da era burguesa eram enviados todos os dias para as escolas, não ainda com a intenção de que adquirissem conhecimento, mas, segundo Kant, para “habituar-los a permanecerem tranquilos e a cumprirem pontualmente o que lhes (fosse) ordenado”. Era considerado mais grave o fato de ser indisciplinado, do que o fato de não ter conhecimento. Ser indisciplinado o levaria a se equiparar a um



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

selvagem ou a um bárbaro, e essa falha já não poderia ser corrigida quando se tornasse adulto.

A educação formal constituiu um importante braço armado do Iluminismo, pois a democracia exigia que os cidadãos delegassem o seu poder aos governantes. Assim, a escola educaria o estudante com o fim de criar neles uma “consciência nacional” (“ficção ideológica”), capaz de constituir certa identidade ligada à ideia de povo. Surgem na escola alguns hábitos: hinos cantados orgulhosamente de pé; comemorações pátrias com feriados; livros com relatos edificantes sobre os grandes homens da história da nação; monumentos e museus a serem visitados nas excursões da escola. Tudo isso com o fim de fazer brotar no aluno a consciência da identidade nacional.

Toda essa modelagem feita na escola, era precedida de uma pré-modelagem feita nos lares. Algo semelhante também acontecia na transição da escola para as universidades ou fábricas. Todos esses ambientes eram compatíveis e uníssonos, pois funcionavam com uma mesma lógica.

Sibília (2012) acredita que um dos indícios da crise da escola é a perda da eficácia da disciplina e o enfraquecimento do papel do Estado. Com isso também são deteriorados outras figuras importantes, como o pai e o professor. E por conseguinte a escola tornou-se uma tecnologia ultrapassada e incompatível com os jovens de hoje.

III – Como os estudantes veem as escolas hoje

A reforma protestante marcou uma descontinuidade do cenário burguês e fertilizou o “espírito do capitalismo”, e junto com o qual surgiria algo até então inédito: os sistemas nacionais de educação.

Segundo as palavras de Foucault, nessa época e dessa maneira se construíram corpos “dóceis e úteis”, organismos humanos treinados para trabalhar na cadeia produtiva e transitar de forma eficaz e assertiva nos modos urbanos da modernidade.

Já no fim do século XX e início do XXI foi detectada a implantação gradual de um tipo de vida inovador, baseados em tecnologias eletrônicas e digitais, direcionada pelo excesso de produção e pelo consumismo, pelo marketing e publicidade, pelos fluxos financeiros em tempo real e pela conexão



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

em redes globais de comunicação. Outra característica marcante dessa nova era, foi a entronização da empresa como uma instituição-modelo, o que impregnou todas as demais instituições com esse “espírito empresarial”, inclusive as escolas.

Essa nova ideia, propaga o culto da performance ou do desempenho individual, e onde essa performance deve ser cada vez mais ressaltada e eficaz. Com isso se dissemina a ideologia da autossuperação e uma busca constante por resultados e constante comparação, cada vez mais desumanos. Assim, a vida passa a ser regida por uma aliança velada de três vetores fundamental: meios de comunicação, tecnociências e mercado.

Nesse contexto, a silenciosa introspecção e o retraimento no psiquismo individual ressaltada por instrumentos como a leitura e a escrita são trocados pelo excesso de exposição e a necessidade de exibição em telas. O resultado dessa exposição constante e do uso desses artefatos é uma realidade que cobra uma reciclagem constante e um alto desempenho.

Hoje, nos ambientes laborais, capacidades e habilidades antes valorizada, cada vez são consideradas menos úteis e no ambiente de trabalho que antes valorizava a disciplina e a ordem, agora estimulam a criatividade e o prazer. Ressalto a certificação Great Place To Work (GPTW), fruto de uma consultoria global feita em 97 países, que apoia as organizações a obterem os melhores resultados por meio de uma cultura de confiança, alto desempenho e inovação. É um prêmio concedido para as empresas campeãs em boas práticas de relações humanas e pontos como adoção de práticas relacionadas à saúde mental e bem-estar, horário híbrido de trabalho e/ou flexível são requisitos na pontuação.

Toda essa cultura empresarial também tem reflexos na cultura que os alunos esperam das escolas. Se valoriza a livre iniciativa, a motivação, o perfil empreendedor e a proatividade, como características capazes de movimentar os mercados e gerar lucro. Resumindo: o bem-estar corporal, emocional, profissional e afetivo, ligados a uma ideia de felicidade ou de realização pessoal são os propulsores das engrenagens atuais.

Não é à toa que buscando definir os fenômenos sociais atuais, alguns autores a nomeiam como “sociedade líquida” ou “cultura somática”, que definiria corpos e subjetividades capazes de se exibir na superfície da pele e



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

das telas, auto valorizando sua subjetividade em uma constante exposição interativa.

Com toda essa cultura empresarial, surge um choque: de um lado essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram nesse novo ambiente e do outro o ambiente escolar, com seus rigores envelhecidos.

Em meio a tantos avanços, a escola parece ter estagnado no tempo e os alunos já não veem sentido em reprimir seus impulsos em nome de algum valor transcendental, pois o que importa agora é a busca pela felicidade individual. Morreu a ideia de que se deveria sacrificar a satisfação pessoal em nome de algo mais elevado e ao mesmo passo, algo semelhante também acontece em relação as escolas. E assim, a uniformização do ensino formal em sua forma tradicional está sendo questionada.

IV – A escola está em crise e a “palavra” também

Entre os desdobramentos dessa nova era, está a diluição da importância da palavra, oral ou escrita e a inserção gradativa do que se convencionou chamar de “civilização da imagem”.

Como desdobramento dessa crise, a autora ressalta um grande índice de “deserção escolar” onde o “desinteresse” é o principal motivo e os especialistas evidenciam a necessidade de “garantir a atratividade da escola” e explicitam a escola como uma mercadoria fora de moda e difícil de vender.

O discurso é que a escola deveria se posicionar como um “produto”, entre vários outros, caso queira conquistar adeptos e subsistir. Mas ressaltam que é uma mercadoria pouco atrativa, com um público disperso e muitas vezes insatisfeito.

A realidade da América Latina são altíssimas taxas de reprovação e repetência e uma crescente evasão ou deserção escolar, sobretudo nas regiões mais ricas do país. Esse cenário se justifica porque nessas regiões a oferta de trabalho é mais abundante e por conseguinte, mais tentadora. Unindo a esse fator o fato de que os jovens de hoje têm mais possibilidade de escolher livremente o que desejam, acabam optando por abandonar a escola.

As pesquisas também indicam que a permanência nas escolas traz retorno financeiro na meia-idade, mas essa espera a longo prazo, não anima



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

os jovens, tão acostumados com o imediatismo e com ascensões midiáticas. Esse desânimo afeta também os professores e pais, que também mergulhados nessa sociedade digital, não vê valor em esperar para obter resultado, plantar para colher.

Nesse cenário, os estudantes são tratados como consumidores quase nada satisfeitos com o produto escolar que o mercado atual lhes oferece. Assim sendo, a solução seria conquistar esses jovens com táticas de marketing para que voltem a se interessar por esse mercado.

E mesmo quando optam por permanecerem nas escolas, o que identificamos são inúmeros “analfabetos funcionais”, pois não conseguem atingir níveis mínimos de conhecimento em áreas como linguagem, matemática e ciência. O que ficou evidenciado é que na leitura de muitos estudantes contemporâneos, há uma grande dificuldade para identificar e reproduzir o sentido do que se lê.

Essa realidade nos leva a entender que a habitualidade em jogos de computadores, correios eletrônicos, internet, telefones celulares e mensagens instantâneas transformam os jovens atuais em “nativos digitais”, com habilidade visual aguçada, porém com debilidade na leitura e escrita tradicional. Hoje também se lê e escreve muito, mas de forma inovadora, como nas interações da internet e nos recados enviados dos telefones celulares. Também podemos citar o sucesso inegável do fenômeno Harry Potter, que vendeu milhares de livros. Mas é importante também evidenciar a preponderância da “experiência” que levou os jovens a consumir esse conteúdo.

Um dos grandes problemas parece residir no que as crianças e jovens contemporâneos são e o que as escolas esperam deles. Pois os estudantes já não respondem ao solicitado pelos professores, como se espera que o faça. Há um total desmantelamento da lógica disciplinar e também um tédio absoluto instaurado dentro das paredes das escolas. Resultado: tédio, indiferença e frustração e em alguns casos até a violência.

V – Devemos garantir a “atratividade”, o “divertimento” e o uso de tecnologias nas escolas?



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

O discurso é unísono: aos alunos do século XXI é necessário oferecer diversão. Já que a questão do entretenimento tornou-se fundamental no modo de vida contemporâneo e define inclusive o detentor do poder na sociedade.

Os jovens de hoje esperam que as aulas sejam divertidas. Anteriormente os jovens entendiam e até aceitavam que o esforço era exigido no processo pedagógico e que o aprendizado viria a despeito de gostar da aula ou não. Era aceitável fazer o esforço pelo resultado. Porém, agora esse esquema não se aplica mais e a frustração é geral.

Segundo Neil Postman, a ideia de que aprender deveria ser divertido, surgiu em 1969 com a estreia do programa de televisão Vila Sésama. Daquela época até hoje essa crença fortaleceu e foi disseminada conquistando inclusive os pedagogos a ponto de entrar até nas escolas.

Desde então, são inúmeras propostas para atualizar a escola, como jogos, brincadeiras, e até as mídias: como cinema, televisão e internet. Nesse contexto, figuras como do professor Salman Kahn ganham destaque, pois defendem os exercícios interativos e uma metodologia invertida: lições em vídeos como tarefa de casa e exercícios em sala de aula.

O uso de tecnologias é visto hoje como um fim em si mesmo, como se ao utilizar uma plataforma digital para postar o mesmo conteúdo representado em um livro impresso, só por esse simples fato, por essa mudança na forma de expor o conteúdo, a aprendizagem estivesse garantida. Essa suposta “mágica” é criticada pela autora Joana Peixoto, que questiona: “O poder material e simbólico dos objetos está nos próprios objetos? Ou esses objetos são meios de expressão do poder dos sujeitos que os criam e deles se apropriam?”

Hoje o discurso é reiterado ao afirmar que é praticamente obrigatório integrar objetos digitais às práticas pedagógicas para atualizar o ensino, bem como para satisfazer a uma expectativa mundial. Como se só pelo simples fato de utilizar esses recursos, estaríamos colocando os alunos em um ambiente necessariamente favorável aos processos educativos, como se os recursos tecnológicos fossem artefatos mágicos.

Peixoto (2016), fazendo um compilado, ressalta como tendência: É possível elencarmos alguns aspectos presentes nas pesquisas sobre as relações entre as tecnologias e a educação, levantados por revisões de literatura no período de 1996 até 2014 (ARAÚJO, 2008, 2014; BARRETO,



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

2006; BRITO, 2015; MORAES, 2015; PEIXOTO, 2007). Observamos como tendências: a) maior referência a conceitos e categorias oriundos de teorias do campo da comunicação para a discussão dos processos de ensino e aprendizagem com uso de tecnologias digitais em rede; b) prevalência de uma perspectiva tecnocêntrica (PEIXOTO, 2015), que se manifesta em diversas estratégias como, por exemplo, colocar a ênfase no recurso adotado em detrimento da metodologia de ensino praticada, empregar denominações como mídias inteligentes ou interação mediada por computador, classificar as gerações de educação a distância em função da tecnologia utilizada e não do tipo de pedagogia adotada; c) dois tipos distintos de apropriação das teorias.

No tratamento de questões de ordem macroestruturais, como as políticas ou programas educacionais, faz-se a crítica ao papel normatizador das tecnologias. No entanto, quando são abordadas questões de ordem didático-pedagógicas, observa-se uma adesão ingênua ao considerado papel eminentemente favorável das tecnologias; d) associação automática entre a utilização de tecnologias digitais em rede e a mudança da prática pedagógica; e) atribuição à tecnologia do papel facilitador do trabalho pedagógico.

Podemos observar que os efeitos didáticos pedagógicos das tecnologias ainda são objeto de discussão e que estudos têm indicado que a inclusão de tecnologias na educação não tem causado mudança significativa na prática dos docentes, que apenas tem atualizado os modelos tradicionais. (PEIXOTO, 2007)

Além desse falso desenvolvimento, estamos caindo nas teias do neoliberalismo, com fins mercadológicos e buscando atingir metas educacionais impostas por organismos multilaterais, conforme explicita Joana Peixoto (2016):

Além disto, os discursos orientadores de programas educacionais revelam o alinhamento das políticas educacionais às demandas de uma economia neoliberal em três eixos: ênfase na avaliação dos resultados, incentivo à educação a distância e imposição de programas de introdução de tecnologias na educação (BELLONI, 2007; COSTA; LEME, 2014; EVANGELISTA, 2014; MAUÉS, 2009). Nesta perspectiva, as tecnologias são inseridas nas escolas como exigência de ordem econômica e não como opção de caráter pedagógico.



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

Diante a tamanha volatilidade e superfluidez, nos parece ter morrido a “conversação”. Como esclarece Gilles Deleuze: “Talvez a fala, a comunicação estejam apodrecidas.” E o que reina, é o vazio, pois a palavra não produz agora nenhum tipo de retraimento interior, aquele necessário para pensar. E da mesma forma o professor é ouvido nas salas de aula, com atenção flutuante e sem reflexos necessárias para a verdadeira compreensão e análise. E assim, tanto o telespectador, quanto o estudante já não sofrem por estarem sendo massacrados por mensagens alienantes.

O jovem ouve, mas não consegue decodificar fazendo uma análise crítica e assim, facilmente, se deixam alienar. São jovens que respondem com urgência (imediatismo), mas de forma rasa.

Anteriormente, há bem pouco tempo atrás, habilidades como memória, atenção e consciência eram enaltecidos e estimulados, pois a escola sempre procurou transformar a criança num aluno interessado, atento e aplicado. Por isso é que na sala de aula eram evitadas práticas que estimulasse o aparelho perceptivo e os estímulos eram evitados. Hoje, os estímulos são uma constante e a velocidade faz com que não haja tempo necessário para abrigar informações e conhecimento na consciência.

Como consequência, vemos nas escolas alunos apáticos e hiperativos. A total saturação impossibilita de pensar e de agir. Por essa razão, é tão importante que as escolas resistam a esse fluxo mediante estratégias de fixação. É necessário que as escolas se comprometam com essa difícil missão. O caminho não deve ser tentar bloquear ou isolar essa realidade, mas dialogar e pensar nessas condições. É imperioso que o professor e aluno exercitem um diálogo franco e aberto sobre o cenário atual.

Não podemos tolerar que no lugar da solidez e da sistematização das escolas, fortaleça a concepção de que cada um deve lutar por sua própria carreira num cenário competitivo e mutante. O status do Estado, foi substituído pelo status do mercado e na lógica mercadológica, o critério que organiza e seleciona quem obterá o sucesso profissional é o dinheiro aliado a alta performance. E tudo isso distribuído de forma absolutamente desigual. Como esclarece Ignacio Lewkowicz “Sem paternidade estatal nem fraternidade institucional, a desolação prospera”.



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

Assim que a lógica mercantil passa a imperar sem contenção, os direitos e os deveres acabam virando mercadorias ao alcance de alguns clientes, mas não de todos. E essa lógica é também disseminada nas escolas e o resultado é um aumento ainda maior da desigualdade social.

CONCLUSÃO

Pouco tempo atrás o regime escolar foi implementado para separar as crianças dos adultos com o objetivo central de adestrar os alunos utilizando uma disciplina autoritária.

Naquela época, o pensamento de Kant foi bastante difundido, pois acreditavam que a disciplina convertia a animalidade intrínseca do ser humano em humanidade e civilidade. Aqui prevalecia a ideia de que era mais grave o fato de ser indisciplinado, do que o fato de não ter conhecimento.

Nas escolas era difundido também a “consciência nacional”, a fim de garantir que o adulto futuro continuasse a delegar o seu poder aos governantes.

Mas essa modelagem feita nas escolas, era precedida de uma modelagem feita nos lares e posteriormente nas fábricas e universidades.

Mas o mundo mudou e o capitalismo tomou conta de todas as esferas, e na escola não foi diferente. Assim, no fim do século XX e início do XXI foi observado a implantação gradual das tecnologias eletrônicas e digitais e a empresa foi entronizada como a instituição-modelo, o que impregnou todas as demais instituições, inclusive as escolas, com esse “espírito empresarial”.

Nesse contexto, a introspecção da leitura e escrita foram substituídas pelo excesso de exposição e de imagens. E o resultado foi a necessidade de reciclagem constante e de um alto desempenho em todas as áreas.

No trabalho, capacidades e habilidades antes valorizadas, como a disciplina e a ordem, foram desconsideradas e outras habilidades passaram a ser ressaltadas, como a criatividade e a inovação.

E toda essa nova cultura empresarial, reflete também no que os alunos esperam do ambiente escolar e gera um choque, pois de um lado temos essas crianças e adolescentes que nasceram ou cresceram nesse novo ambiente e do outro, o ambiente escolar, com seus rigores envelhecidos. E com isso, a



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

uniformização do ensino formal em sua forma tradicional está sendo questionada.

Juntamente a diluição da importância da palavra, a escola tradicional também está perdendo a sua relevância. Fruto disso são os altos índices de “deserção escolar” em que o “desinteresse” é o principal motivo.

Nesse cenário, os especialistas afirmam que se deve garantir a atratividade da escola e que a escola deve se posicionar como mais um “produto”, apesar de ser um produto pouco atrativo. Assim sendo, a solução seria conquistar os jovens com táticas de marketing para que voltem a se interessar pela escola.

Outro ponto é que mesmo entre os jovens que permanecem nas escolas, o que observamos são “analfabetos funcionais”, pois não conseguem atingir níveis mínimos de conhecimento em linguagem, matemática ou ciência. Os alunos até conseguem ler, mas não compreendem o que leem.

Nesse contexto, um dos grandes problemas parece ser o que as crianças e jovens contemporâneos são e o que as escolas esperam deles. Pois os estudantes já não respondem mais a lógica disciplinar e também há um tédio absoluto instaurado que resulta em indiferença, frustração e em alguns casos até em violência.

Surge o questionamento: diante essa nova realidade, as escolas devem garantir “atratividade”, “divertimento” e o uso de tecnologias? O discurso dos especialistas é que sim. Pois os jovens de hoje esperam que as aulas sejam divertidas. E de um tempo para cá o que vemos nas escolas são inúmeras propostas nesse sentido, como o uso de jogos, brincadeiras e até das mídias.

Como resultado, o uso da tecnologia é vista como um fim em si mesmo, como se ao utilizar as plataformas digitais todos os problemas de aprendizado estivessem resolvidos.

Porém, o que vemos é que os efeitos didáticos pedagógicos das tecnologias ainda são objeto de discussão e que estudos têm indicado que a inclusão de tecnologia na educação não tem causado mudança significativa na prática dos docentes, que está havendo apenas uma atualização do modelo tradicional.

O status do Estado foi substituído pelo status do mercado em que o critério que organiza e seleciona quem obterá o sucesso profissional é o



REDES OU PAREDES: QUE TIPO DE ESCOLA PRECISAMOS HOJE?

dinheiro aliado a alta performance. Com essa lógica mercantil imperando, os direitos e deveres acabam virando mercadoria ao alcance de exclusivos clientes, mas não de todos, enraizando ainda mais a desigualdade social que inicia nas escolas e prolifera por toda a sociedade.

O que percebemos é que é necessário transformar radicalmente as escolas, e quando falamos em transformar, não estamos querendo dizer que devemos atualizar a didática da escola tão somente com a onde tecnológica vigente, mas sim redefini-la como espaço de encontro e diálogo, de criação de pensamento e compartilhamento de experiências, resultando em algo consistente para as pessoas envolvidas. O foco não deve ser ressuscitar a ordem disciplinar anterior, nem tão pouco transformar as escolas em simples espaços de conexão virtual, mas sim de reinventá-las como algo ainda não pensado.

REFERÊNCIAS

PEIXOTO, J. Metáforas e imagens dos formadores de professores na área da informática aplicada à educação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, p. 1479-1500, 2007.

PEIXOTO, J. Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação. *R. Educ. Públ.* Cuiabá, v. 25, 2016.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Contraponto, Rio de Janeiro, 2012.